Redacção, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegraphico: LANTERNA
Toda a correspondencia deve ser dirigida a
EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSIGNATURAS

ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correio.

A ESCOLA MODERNA

ENSINO VELHO E ENSINO NOVO

Tudo se encadeia no estado social. Os que organizaram o ensino partiram dos mesmos principios que os que favoreciam a evolução economica.

O estudo, que deveria ser um festim para a necessidade de aprender que existe em todo ser de faculdades sãs, tornaram-no tão arido, tão aspero, que é para nosso cerebro, uma pena tão dura como para nossos musculos o trabalho de producção.

Não se perguntou ás intelligencias o que ellas queriam conhecer, o que eram susceptiveis de assimilar.

No que parecia mais conhecido tomou-se o que melhor lisonjeava as necessidades dos que se faziam educadores, fez-se um amalgama que se tratou de fazer entrar, por vontade ou á força, nos cerebros mais rebeldes, não se importando com os que arrebentavam.

Depois, como a maioria respingava a esta alimentação indigesta, como alguns se recusavam aos methodos de ingurgitação, tirou-se dahi autoridade para declarar doutoralmente que o homem não passa dum ser ignorante, que só aprende sob o terror da férula. Esta ultima tem sido sempre considerada como a razão suprema. E ha milhares de annos que se faz assim a educação humana.

Não deve admirar depois que o homem seja vaidoso e rasteiro — uma coisa não exclue a outra. O que nos deve admirar muito mais é que com isso não se tenha pervertido completamente.

E' que é mais facil estabelecer um programma e decretar que todos deverão submetter-se a elle, do que estudar as aspirações de cada um e achar o methodo que lhe seja adequado.

Haverá sempre espiritos fracos para se conformarem com as ordens recebidas. Se, pelo caminho se quebram caracteres independentes, tanto melhor para a ordem social, que não admitte que a discutam.

O que houver de bom nos resultados obtidos, será attribuido á maneira de proceder; os resultados nefastos, esses serão deitados á conta do caracter vicioso da besta humana.

Assim se estabelecem as opiniões.

—

Um ensino verdadeiramente racional, capaz de desenvolver as intelligencias, e — o que é ainda mais difficil — capaz de formar caracteres, deve pois ser desembaraçado das recompensas assim como dos castigos. Quando a idade de quem aprende não lhe permitte comprehender que a necessidade de adquirir certos conhecimentos é uma das condições do desenvolvimento do seu ser, o attractivo do trabalho deve ser o unico mobil.

O ensino racional deve ter em conta as preferencias e as repugnancias do individuo. O seu fim não é criar aptidões, mas busca-las e favorecer o seu desenvolvimento. O que elle deve ter em vista não é espetar nos cerebros uma sciencia prompta e acabada, indigesta porque incomprehendida, e por consequencia inassimilavel.

Pondo de parte as formulas-clichés, é a provocar a reflexão de quem escuta que deve tender a exposição de quem ensina. O que elle deve procurar é suscitar as suas perguntas, as suas objecções.

Alargar o cerebro, mas respeitar a individualidade do discipulo.

Despertar a sua curiosidade, a sua iniciativa; pôr em sua presença as opiniões contraditorias para que se exerça o seu espirito de critica e de deducção; leva-lo a não acceitar as explicações dadas senão depois de as ter feito passar elle proprio pela sua critica. Eis a obra a executar.

Sabendo-se tornar attrahente o ensino, são inuteis os castigos e as recompensas, são mesmo nocivos, Para despertar a actividade do alumno, será bastante o prazer qde elle nisso encontrará. Tolstoi, em sua escola de Yasnaia-Poliana, no-lo demonstra superabundantemente. As lições parecerão sempre demasiadamente curtas.

A mesma coisa succede, afinal, quanto ao trabalho dos adultos. O que os minutos passados no trabalho imposto são em duração e aridez, são-no em rapidez e leveza as horas que consagramos ao trabalho que nos agrada, e que escolhemos.

Ensinar o individuo a desenvolver-se em todas as suas virtualidades, a agir conforme a propria natureza, as tendencias, affinidades e concepções proprias; ensinar-lhe que nada deve esperar de fora de sua iniciativa, que não deve supportar outras peias além de aquellas que as circumstancias impõem; ensinar-lhe o respeito das iniciativas alheias, para ficar habilitado a fazer respeitar a sua, eis o primeiro trabalho da educação — e aquelle de que temos mais urgente necessidade.

Outro ponto de ensino racional é o da coeducação dos sexos. Dar ás raparigas e aos rapazes o habito de se tratarem como camaradas, fará muito mais pela emancipação da mulher do que todas as leis reclamadas pelos feministas.

Na primeira idade, rapazes e raparigas andam misturados nos mesmos brinquedos; mas logo que começa a acordar a idade da razão, separam-nos, educam-nos áparte, como se fossem de especies differentes, chamados a viver uma vida diversa.

Porque não se habituam, desde cedo, os sexos a conhecerem-se, pois que tal conhecimento lhes será indispensavel para saberem orientar a vida? Não é porventura habituando-nos a ver as coisas como são que faremos uma concepção nitida da existencia, precavendo-nos assim contra os passos irreflectidos que trazem crueis decepções, e contra essas mesmas decepções, que são apenas a consequencia das nossas falsas noções da realidade?

Aprendamos a fazer respeitar a nossa personalidade; aprendamos a respeitar a de todo ser humano, e teremos dado um grande passo para a emancipação commum.

J. G.

Estamos fazendo uma larga distribuição da LANTERNA, *enviando-a a todas as pessoas que julgamos estarem de accordo com o seu programma.*

Consideraremos, portanto, como nossos assignantes todos aquelles que não devolverem o primeiro numero recebido.

Como elles chegam



A boa vida no Brasil



GERMINAL

Afim de não supporem que vou tratar da relida obra de Zola, será melhor que prefacie quanto antes que Germinal era o nome de um cão amarelo e assetinado, que eu possuia.

Era um perfeito animal. Um modelo de generosidade, que bem podia dar lições a todos nós. Os seus olhos, de uma expressão limpida e resignadora, eram cheios de luz e de melancolia.

Quando, pela primeira vez o vi, já dava pelo nome. A sua apparição era indicada pelos gritos alegres dos rapazes, que ao verem-no bradavam: — Eh!... Germinal... anda cá...

Teria um anno. Parecia, no entanto, mais velho.

Era dedicado e valoroso, sem aquella apreciada humildade dos cães, que tanto me revolta, e me faz apreciar muito mais a arranhadura dos gatos.

Mas... o Germinal tinha um senão! Era pouco sociavel. Consistia a sua ledice em ladrar, morder essas criaturas estranhas, de saias como as mulheres, que encontramos diariamente pelas ruas.

Inutilmente procuravam domar o animal, fazer-lhe comprehender que eram aquelles entes os representantes, na terra, do Senhor.

Assim que o Germinal os topava, ouriçava-se todo e só eu conseguia pôr termo áquelle desaforo.

De costume, agarrava-o pelas orelhas e dizia-lhe em tom severo, o seguinte exordio:

— Germinal! tu não comprehendes que pódes ir parar ao inferno se assim continuas a hostilizar estes humildes servos de *Nosso Pai Todo Poderoso*?... O crime que commettes é severamente punivel pelas leis que nos regem. O que te vale, talvez, é seres cão, do contrario, serias preso e queimado, irremediavelmente!...

O Germinal, tinha sempre artes de se livrar das minhas mãos, e desapparecia.

Como é de suppor, isto desesperava-me em extremo, e eu, revolvendo com reflexão as minhas ideias, chegava ao convencimento de que ter semelhante animal era contrario ás divinas leis do infinitamente perfeito *Criador* do *Existente* e Soberano Senhor de todas as coisas.

Fazer mal a quem tanto luta para o nosso bem?... Oh!... Brada aos céos!...

Nesta associação de ideias suggeria-me a lembrança de que talvez o meu Germinal tivesse ouvido esses herejes que empestam o mundo, ou conhecesse, mesmo por tradição, as sagradas obras de Pio IX e Leão XIII.

Lembrava-me tambem que o meu pobre Germinal passava fome, e talvez soubesse que o Sagrado Leão XIII, apesar de aconselhar a pobreza e a humildade, possuia duzentos mil contos de réis.

Não seria um acto de revolta, ter o meu cão o séstro de morder os bemditos representantes do Senhor?

Mas que diabo!... Tratava-se de uma especie sagrada e o Germinal devia respeita-la não incorrendo num sacrilegio tamanho.

Dez, vinte vezes, tentei despertar-lhe a attenção e inspirar-lhe amor por aquelles *salvadores* da humanidade. Os meus esforços, porém, jámais produziram effeito. Continuava a persegui-los. Era uma peste!

Uma vez roeu as canelas ao reverendo Sampaio. Outra, rasgou a batina a outro não menos respeitavel Senhor.

Um verdadeiro sacrilegio!

Senti que era preciso pôr termo a tanto atrevimento. Resolvi reservar-me para a primeira occasião afim de applicar-lhe o devido correctivo.

Assim fiz!

Uma tarde, quando regressava á casa, desusado borborinho ia na vizinhança. Inquirindo o que se tratava, depara-se-me o Germinal fincando os dentes nas pernas de um desgraçado. Em vão o afflicto homemzinho se esforçava para que o maldito cão o largasse, debalde as intrepidas vizinhas lhe puxavam pelo rabo e o maltratavam com pancadas. Seguro da fortaleza dos seus dentes, o Germinal redobrava de furia e nem vendo correr a sangue das pernas de sua santidade, as largava.

Foi então que perdi completamente a cabeça.

Desesperado, appliquei-lhe um violento ponta-pé.

O Germinal olhou-me attentamente, ganiu e desappareceu.

Nunca mais voltou!

O remorso que tenho soffrido pelo pontapé que lhe appliquei é enorme.

Se abalou e foi procurar alguem que desse apoio ao seu procedimento, ignoro. Tenho corrido solicitamente todos os beccos e vielas no vão empenho de o encontrar. Mas nunca mais o vi nem soube noticias delle. Até já duvidei da sua existencia.

Mas afinal, pensadamente, para que lhe daria eu o pontapé? Elle sempre tinha razão em ladrar aos homens das saias pretas. E' que sabia que os reverendos Sampaios e quejandos, ha muitos seculos que fazem mal aos pobres donos dos cães.

Lembra-me agora perfeitamente, que uma noite, para que minhas irmãs ouvissem, lendo em voz alta *Os Crimes da Igreja*, o dedicado Germinal uivava ferinamente, como a mostrar-me o odio que o minava, e comprehendendo — julgo eu — os grandes males que os homens das saias pretas nos teem feito, poz-se a olhar-me, com esse olhar com que os cães exprimem o desprezo que nutrem por aquelles que não teem sufficiente energia para se revoltarem,

Um olhar que me envergonhou, confesso!

Como estou arrependido de te maltratar!...

Ah Germinal! Germinal! Descança! Como prova do meu profundissimo arrependimento, garanto-te que nunca mais darei pontapés nos cães, especialmente por motivo tão simples.

ROMUALDO DE FIGUEIREDO.



Lanterna Magica

Ladrões e covardes!

A manifestação dos catholicos em Bilbau contra o sr. Canalejas deu margem a incidentes curiosos, entre os quaes ha este que chegou a uma feição picaresca.

Nos dias de grande agitação chegou áquella cidade uma centena de camponios dirigidos por dois padres. Quando viram as tropas, desataram todos a fugir, gritando que os iam fuzilar. Os camponezes foram recolhidos pelas autoridades. Cheios de pavor, perguntaram se os iam matar.

As autoridades tranquillizaram-nos, deram-lhes de comer e algum dinheiro porque os dois padres tinham abalado com todo o dinheiro que os desgraçados lhes haviam entregado para custearem as despesas da expedição.

O governo concedeu-lhes comboios para voltarem para ás suas terras.

As autoridades foram autorizadas a custear as despesas com o regresso dos catholicos ás suas terras, excepção feita de padres e freiras.



Consequencia fatal

ROMA, 25 — Communicam de Girgenti que milhares de habitantes de Ravanusa, communa daquella provincia, fizeram uma ruidosa manifestação de protesto contra a maioria clerical do conselho municipal, porque se oppoz á collocação de um busto de Garibaldi na sala das sessões.

Deixam-nos adquirir força e depois a consequencia é sempre esta.

E' uma consequencia do favoritismo de que gosam.



Bons sacerdotes!...

Dois padres da Sé de Lisboa, por uma vil questão de interesses, insultaram-se e aggrediram-se no claustro. Os operarios que trabalham na restauração do edificio assistiram á scena, rindo a bom rir. A imprensa radical teve conhecimento do facto, que lhe serviu para pôr em relevo o contraste do seu procedimento com o ministerio religioso que professam. O padre Vacondens dirigiu uma carta ao *Seculo*, pretendendo defender-se, mas o publico, que nutre um profundo desdem pela classe ecclesiastica que a si propria se tem desprestigiado, apenas riu com a attitude do sacerdote.

O escandalou a Sé foi enorme.

E são esses os individuos que se dizem continuadores da obra de um mystico sonhador que, segundo elles affirmam, fez-se crucificar ha dois mil annos para redimir a humanidade de seus males! Bons sacerdotes, não acham?



Pobresa do papa

ROMA, 28 — Ha tempo os herdeiros do papa Leão XIII demandaram o Vaticano, reclamando parte dos bens particulares deixado pelo defunto. O tribunal condemnou o Vaticano a pagar-lhes um milhão de liras.

O Vaticano não fez caso da sentença, que passou em julgado, tendo os herdeiros, agora, requerido ao tribunal o sequestro das rendas que produz a abbadia de Subiaco, da qual é administrador o cardeal Merry del Val.

O santo Leão, o representante do humilde Rabbi da Judéa, deixando riquezas que servem agora de motivo para disputas nos tribunaes!

Christo vivia entre os pobres e para elles, dizem sempre os prégadores catholicos. E o papa?



Protestam?!...

ROMA, 3 — O *Messaggero* diz que os deputados clericaes se preparam para fazer, na Camara, uma campanha contra o gabinete Luzzatti, tendo já annunciado diversas interpellações sobre pretensas restricções da liberdade do culto catholico, emquanto é sabido que se trata de manifestações externas do culto, prohibidas por motivo de ordem publica e de hygiene.

E' assim mesmo: elles entendem por restricções da liberdade as medidas que vêm acabar com os favoritismos de que gosam em prejuizo das outras crenças e da vida publica em geral.

O que elles querem é que não lhes arranquem a teta.



Fecho alegre

O cardeal Caprara era amante da bella princesa Santacruz.

Quando morreu Pio VI, que pelo povo não era tido em cheiro de santidade, perguntou Marforio a Pasquim:

— Quem deve ser eleito papa?

— Oh! desta vez é preciso um papa devoto.

— Quem ha-de ser então?

— Não ha outro senão o cardeal Caprara, porque a cada momento beija a Santa-Cruz..,

---

ASSIGNAI! ASSIGNAI!

E' a assignatura, paga adiantadamente que verdadeiramente sustenta A Lanterna, fornecendo-lhe o melhor combustivel...

Não basta comprar numero por numero: é preciso assignar A Lanterna!

E, se for possivel, angariar-lhe assignaturas!

RELIGIÃO E CLERO

(Ao reverendo padre João Ravaioli)

XV

Taes aberrações da mente já fizeram o seu tempo. Os temores e esperanças pela *vida futura*, por um lugar de recompensas e castigos após a morte desvanecem-se cada vez mais, á medida que se difunde nos cerebros a cultura e que a sciencia irradia com sua luz irresistivel. A morte põe um termo definitivo, absoluto, á nossa existencia individual. Ella é a suspensão geral da vida, a paragem de todas as funcções do corpo e do cerebro. Em outros termos: a dissolução da sociedade formada pelos elementos anatomicos.

Não mais sentir, não mais pensar, a certeza de não tornar a pensar e a sentir, tal é o estado que caracteriza a morte. Tal é a unica concepção acceita por todos os physiologos, por todos os medicos. A morte é o esphacelo da existencia pessoal.

Não a conceberam diversamente os maiores philosophos da antiguidade. Democrito, Empedocles, Simonides, Epicuro, Seneca, Plinio, Lucrecio, esses gloriosos precursores do materialismo scientifico, consideram a morte como cessação definitiva e natural da vida; Anaximenes, Anaximandro, Tales, como um somno sem despertar.

Horacio a definiu o «exilio eterno»; Seneca, o «nada»: *Post mortem nihil;* Frederico o Grande: «um salto no nada». Os mais recentes, Strauss, Feuerbach, Büchner, Spencer, tiveram da morte igual conceito.

Só as crenças religiosas a definem: o principio duma nova vida para a alma. O que venha a ser, porém, essa alma incomprehensivel, mysteriosa, sem corpo nem base material, que vê, que sente, que soffre e goza num mundo que já não é este... vão lá sabê lo! As crenças religiosas que tal affirmam não implicam a preoccupação de o explicar. Um espirito, um sôpro, uma entidade moral, um *quid* enigmatico de que não se conhece a origem nem a razão de ser... eis a alma humana religiosamente entendida!

Contentar-nos-emos com este enredo de palavras e contrasensos? Não. Nós possuimos hoje uma exacta noção da alma. Sabemos como nasce, como se desenvolve e como morre. Conhecemos-lhe o parallelismo ontogenico com a evolução da vida physiologica, as suas estreitas relações de dependencia com as funcções materiaes do corpo e sobretudo do cerebro que é a sua base anatomica e a sede.

Não ha alma sem cerebro, como não ha outra funcção vital sem o orgão correspondente que a produz. A alma entendida como um conjunto de faculdades intellectuaes — é precisamente uma funcção especifica do cerebro.

Uma infinidade de provas militam em favor desta verdade. Primeira entre todas esta: nas ordens inferiores da vida, nos monocellulares, nos molluscos, nos vermes, nos acephalos, em geral, em todos os seres desprovidos de cerebro, não se descobre um principio desta vida superior — a alma — que se estende, porém, por gradações infinitas a toda a ordem dos vertebrados, desde o peixe ao homem.

Não é sómente isso: a ausencia da alma, dum principio volitivo e consciente, além de ser um facto commum a todos os seres desprovidos duma columna vertebral e dum cranio, é um phenomeno que se verifica até nos seres superiores, inclusivé o homem, em todos os casos especiaes em que o cerebro, por este ou aquelle motivo, deixa de funccionar. A suspensão da actividade cerebral é a morte da alma.

Um coelho, um rato, uma rã a que se tenha tirado o cerebro fica com movimentos automaticos. Nos casos de apoplexia e de paralysia cerebral, tão frequentes no homem, tem-se a abolição da consciencia. Podem continuar os phenomenos da vida vegetativa, das funcções do coração, do figado, dos pulmões; mas as funcções intellectuaes, que costumamos distingcir de todas as outras do corpo com o termo collectivo de *alma*, ficam suspensas.

Nos idiotas, cujo cerebro não funcciona, tem-se a morte intellectual, a ausencia da alma, a abolição da consciencia e da vontade.

Nos loucos, é o phenomeno da consciencia temporariamente substituido pelo do maior automatismo, por um conjuncto de acções reflexas.

A sciencia pathologica fornece a este respeito tão rica messe de observações e de factos que encheriam enormes volumes, e que plenamente demonstram que o grande phenomeno da alma se refere do modo mais rigido e absoluto a um processo mecanico do cerebro.

ORESTE RISTORI.

Qual dos dois o mais velhaco?

Quanto mais santo é o padre, mais perigoso se torna.

DIDEROT.

Deus — eis o mal.

PROUDHON.

Nos jornaes cariocas encontrámos ha dias o seguinte telegramma:

«ROMA: Um parocho, depois de ter dito a missa habitual, subiu á torre da igreja da sua freguezia que andava em obras e, na occasião em que *religiosamente* beijava a nova cruz, cai ao solo, morrendo instantaneamente.»

E', como vêm, caso bastante para se dizer como os catholicos ferrenhos: «Deus, com a sua infinita misericordia, castiga sem pau nem pedra.» Pelo menos é o que se presume deste telegramma.

O desgraçado roupeta, que momentos antes do desastre havia religiosamente engrolado a sua missa habitual, como diz o telegramma, era naturalmente daquelles que, para conveniencia propria, proclamam como um celebre jesuita da patria do grande Garibaldi: *— per il prete — il pane; per il povero — la morte.* Mas como Deus, apesar de invisivel, tudo ouve e tudo vê, não esteve desta vez disposto a tolerar a teoria do seu fiel servo.

Por isso, talvez, vendo-o a galgar pachorrentamente as escadas da torre da sua *taberna* — perdão! — da sua igreja, desce furiosamente a Roma e, sem avisar o seu representante na terra, o *pobrezinho* Pio X, procura incognitamente um dos mais habeis e seguros aviadores, aluga-lhe o melhor aeroplano e, num abrir e fechar d'olhos, ei-lo na torre ao lado do pobre abbade sem que elle desse por isso.

No momento, porém, em que elle se ajoelhava para beijar a nova cruz, o que fazia mais por hypocrisia do que por devoção, e ouvindo-lhe sair dos labios aquellas palavras do jesuita italiano, Deus, num assomo de colera, surge e brada-lhe rispidamente, severamente: «Não! Não estou disposto a tolerar por mais tempo essa vossa falsa doutrina. Seria mais justo, e mesmo mais humano, se dissesse *per il povero — il pane; per il prete — la morte.*

E, dizendo isto á laia de carroceiro ambulante, agarra-lhe por uma orelha e zás! — prega com o desgraçado abaixo da torre com a mesma deshumanidade com que a Igreja, noutros tempos, atirava para as fogueiras os herejes.

Vendo-o no sólo, morto, Deus, com um aspecto grave e severo, brada-lhe ainda: «Miseraveis! em vão me honram ensinando doutrinas e mandamentos que vêm dos homens!»

E nisto desappareceu...

. . . .

— Que selvagem! — dirão ingenuamente uns. Que cobarde! — dirão outros.

Sim, selvagem porque é, segundo a propria Igreja, quem nos mimoseia de quando em vez com as mais horrorosas catastrophes, onde perecem milhares e milhares de innocentes; cobarde — porque nunca teve coragem de contradizer, para elucidação de todos, aquellas palavras do seu representante na terra, o papa Leão X: «a FABULA de Christo é de tal forma lucrativa que seria loucura advertir os ignorantes do seu erro», ou aquella outra do implacavel Proudhon: «DEUS — eis o mal!»

E' que esse Deus «iniquo e caprichoso», como disse Luise Ackmann, não é como S. Diniz que beijou a sua propria cabeça depois de lh'a terem cortado...: E' uma coruja — inimigo da luz...

***

Não nos regozijamos, creiam os bons catholicos, com a morte alheia; mas quando se trata dum monstro desta natureza, ou antes — dum ente que não tem a liberdade de ser livre, de pensar, só e simplesmente porque obedece ao papa-negro que vive para vergonha da sociedade moderna, alapardado em Roma, dá-nos sempre vontade de dizer: *a terra te seja leve como o Pão d'Assucar!* Sim, porque não podemos nem devemos ter complacencias de especie alguma para com quem as não teve nunca comnosco.

Se se tratasse dum chefe de familia, por muito condemnavel que fosse a sua conducta perante a sociedade, lamentariamos sempre o desastre; mas assim, nunca. Antes pelo contrario.

Bem sabemos, creiam ainda, que «maltratar os animaes é indicio dum mau caracter»; mas tambem não ignoramos que lamentar a morte duma criatura que nos é em todo o ponto de vista prejudicial e damninha, tanto ou mais ainda do que um animal atacado de hydrophobia, e que esse nome de Igreja papal, não trepida um só momento em afrontar os mais nobres sentimentos da humanidade, servindo-se para isso de todas as armas, mesmo as mais ignobeis e deshumanas, — é uma grande e imperdoavel falta de civismo. E' mesmo, se encararmos a fundo qual a missão do padre na terra, uma grande falta de coragem, senão uma absoluta fraqueza moral. Porque o papel que o padre representa na sociedade é, em tudo, um papel mais que immoral e attentatorio, e, portanto, indigno do seculo que atravessamos.

O ser padre não é uma convicção; é um officio, como disse no *Crime do Padre Amaro* o bom Eça de Queiroz.

Pois bem: o ser padre é um officio, que façam então como nós — que sejam uteis á sociedade e a todos, empregando os seus esforços onde os devem empregar, e não desçam ao deprimente e ridiculo papel de se inculcarem, em pleno seculo vinte, como representantes na terra desse Super-homem que se realmente existe, o que não cremos absolutamente, é muito mais velhaco e deshumano do que todos elles, como disse um dia, e com razão o bom Goethe

Que trabalhem, sejam homens, puxem pelo corpo, tornem-se livres para terem, emfim, o direito que todos nós temos de constituir familia, e deixem-se de palhaçadas que hoje só produzem o riso e ao mesmo tempo tedio e asco. E' que o seculo que atravessamos não é, felizmente, o seculo XVIII ou mesmo XIV. Não!

Então eram elles que *piedosamente* nos forçavam a beijar as ensanguentadas sandalias dos papas romanos, obrigando-nos a crer no que sempre detestamos e odiamos por ser o absurdo dos absurdos, o erro dos erro, o crime dos crimes; hoje, porém, somo nós, os fracos de hontem, que os fazemos curvar a cabeça, forçando-os a enveredarem pelo verdadeiro caminho da Razão e da Justiça, da Paz e do Amor, sem que para isso tenhamos que lançar mão das fogueiras inquisitoriaes como então nos faziam para honra e gloria desse Deus que a tudo assistia impassivel e immovel, apesar do seu illimatado... humanitarismo.

A ARVORE DO MAL

Por debaixo do azul sereno, entre a fragancia
Dos myrtos, dos rosaes,
Viviam numa doce e numa eterna infancia
Nossos primeiros pais.

Seus corpos juvenis, mais alvos do que a lua,
Mais puros que os diamantes,
Conservavam ainda a virgindade nua
Das coisas ignorantes.

Poz Deus nesse jardim com sua mão astuta
Ao lado da innocencia
A Arvore do Mal que produzia a fructa
Venenosa da Sciencia.

E, apesar de conter venenos homicidas,
E o germen do peccado,
Era Deus quem comia, á noite, ás escondidas,
Esse fructo vedado.

Por isso Jehovah tinha sceincia infinda,
Tinha um poder secreto.
E Adão que não provára os fructos era ainda
Um anjo analphabeto.

Eva colheu um dia o bello fructo impuro,
O fructo da Razão.
Nesse instante sublime Eva tinha o futuro
Na palma da sua mão!

O homem, abandonado á submissão covarde,
Viu o fructo e comeu.
Esse fructo é a Luz que á Jupiter mais tarde
Roubára Prometheu.

E ao ver igual a si a estatua que creára,
O homem réprobo e nú,
Jehovah exclamou: «Maldita seja o seara
Cuja semente és tu!»

Veiu depois a Igreja e repetiu aos crentes
De toda a humanidade:
«Maldito seja sempre o que enterrar os dentes
Nos fructos da Verdade!»

A Igreja permettia esse vedado pomo
Sómente aos sacerdotes
Da arvore do mal fugia o mundo, como
Os lobos dos archotes.

Se o sabio que buscava o ouro nas retortas
Ia como um ladrão
Roubar timidamente, á naite, ás horas mortas,
Algum fructo do chão,

Tiravam-lhe da bocca esse fructo damninho
Duma maneira suave:
Atando-lhe á garganta uma corda de linho
Suspensa duma trave.

Um dia um visionario, alma vertiginosa,
Espirito immortal,
Foi deitar-se, que horror! á sombra tenebrosa
Da Arvore do Mal.

A Igreja ao ver aquella intrepida heresia
Lança-lhe excommunhões;
Tomba por terra um fructo . . . e Newton descobria
A lei das attracções!

Sacudi, sacudi a arvore maldita,
Que os astros tombarão,
Como se sacudisse a abobada infinita
Deus com a propria mão!

E quando o mundo inteiro emfim houver comido
Até á saciedade
O fructo que lhe estava ha tanto prohibido,
O fructo da Verdade,

Homem, dizei então a Jehovah: — «Tyranno,
«Vai-te embora d'aqui!
«Construimos de novo o paraiso humano;
«Fizemo-lo sem ti.

«Expulsaste do Olympo a humanidade outr'ora,
O' despota feroz;
Pois bem, o Olympo é nosso, e Jehovah, agora
Expulsamos-te nós!»

Guerra Junqueiro.

Ah! como tinha razão o grande Garibaldi: «O homem fez *Deus*, mas não foi *Deus* que fez o homem»!

Hoc opus hic labor est...

***

Mas... adiante. Aquelle «inimigo da sociedade» já deixou de existir; é, portanto, de menos uma toupeira de sacristia que fica. E' verdade que elles são como as formigas: quanto mais se matam, mais surgem em face da terra. Mas as formigas tambem morrem e os fieis filhos de Deus — o papão de todas as gerações — tambem vão desapparecendo, embora lentamente, para honra e tranquillidade de todos.

***

A' Igreja Romana, mãi de Loyolas e Torquemadas, cumpre agora um dever: é fazer ás cruzes o que sempre fez aos hereticos — excommunga-las. Sim, tartufos, excommunga-las, porque se os hereticos, como nós, desmoralizam e rebaixam a Igreja e põem a ridiculo todos os seus dogmas, as cruzes, por sua vez, occasionam a morte áquelles que, apparentemente e hypocritamente — amam a Deus sobre todas as coisas... Ora, pois.

Rio, 24 de agosto de 1910.

J. FERNANDES TAVARES.

NOTAS

Joly Theatre — A' avenida Rangel Pestana, 148, inaugurou-se no dia 3 do corrente, uma excellente casa de exhibições cinematographicas, que é, agora, no populoso bairro do Braz, o ponto predilecto do publico.

Está elegantemente montado, offerecendo todas as commodidades aos seus frequentadores.

Agradecemos o convite que nos foi enviado.



O caso Idalina

A ORFÃ IDALINA FOI VICTIMA DE UM CRIME — APPELLO Á IMPRENSA INDEPENDENTE

Não resta a menor duvida — os padres do Orfanato Cristovão Colombo commetteram com a orfã Idalina Stamato, ali internada, um desses crimes infames a que são arrastados pela sua condição de celibatarios e pela vida de ociosidade que levam.

Sim, um crime foi commettido e Idalina occultada, ou quem sabe mesmo se não a assassinaram para que não se pudesse apresentar a prova do delicto?

Mas tudo ha-de se saber. Com o esforço de todos havemos de descobrir o que foi feito da infeliz menina e para isso fazemos um appello á imprensa independente, a imprensa que não tem a sua opinião escravisada a tal canalha.

Vamos, collegas de S. Paulo e do Interior, é preciso que nos ajudeis nesta grande campanha!

LER NA 4.ª PAGINA

"A Cruz de Cedro"

ROMANCE PAULISTA

◆ Original de Antonio Joaquim da Rosa ◆

EM FOLHETIM

2°. CONCURSO DA LANTERNA

Com que se parece o padre?

Amigos da redacção da *Lanterna*.

Accedendo ao vosso pedido, foram lidas e cuidadosamente examinadas na nossa ultima reunião, as respostas ao vosso 2.° concurso — *Com que se parece o padre?* — resultando escolhidas as seguintes:

Para o 1.° premio, a do senhor Achilles Quarto:

«Com o rato da fabula, porque faz do mundo um queijo e préga de dentro a resignação e a abstinencia aos outros. — *Achilles Quarto.*»

Para o 2.° a do senhor L. B.:

«Com um eclipse permanente do sol sobre uma natureza em erenne florescimento de vida, de belleza, de amor... — *L. B.*»

Para o 3.°, a do senhor Guerino Peloia:

«Com um sacco de carvão: onde se encosta suja. — *Guerino Peloia.*»

Julgamos tambem de justiça mencionar as seguintes:

Em 1.° lugar a do senhor. L. M.:

«Com o diabo do inferno christão, que elle, o padre, criou á propria imagem e semelhança moral, a quem empresta as suas qualidades. Propaga e sustenta a mentira, dizendo defender a verdade; diz-se defensor dos bons costumes, mas, estes, sempre os procura corrômper; diz salvar a humanidade, mas trabalha occultamente para a sua perdição. — *L. M.*»

E em 2.° lugar a do senhor G. B.:

«Com o seu auxiliar, o sacristão: este apaga a luz dos cirios, aquelle a luz do progresso e da verdade. — *G. B.*»

Agradecendo a vossa distincção e confiança, a que procuramos corresponder com a maior imparcialidade, cumprimenta-vos — *A Commissão da Associação da Escola Moderna.*

Rio de Janeiro. 1 de setembro de 1910.



ROL DOS CULPADOS

A HYDRA DE LENA

A tactica do conego Jeronymo — Beijos, abraços, festinhas e conselhos — Contra a lei, contra a moral e contra a natureza — As familias devem fugir da gafeira.

Voltamos hoje a tratar do conego Jeronymo, o celeberrimo vigario que tem praticado larga somma de crimes á sombra da innocencia ou da fraqueza de criaturas por elle votadas á perdição. Essas victimas têm ficado, até hoje, indefesas, têm tratado de occultar as suas infelicidades, certas de que o conego é uma entidade poderosa, dispondo de apoio e protecção de pessoas altamente collocadas e que, levando em pouca conta a moralidade das familias, dão-lhe mão forte, collocando-o fóra do alcance da Justiça e livrando-o da punição a que faz jús.

AS PREDICAS DO SATYRO

Para se avaliar o gráo de banditismo desse conego, que tem pretendido converter a sua freguezia em um vasto e bem sortido harem, basta saber-se quaes são os conselhos que elle dá nas prédicas com que enfeita as aulas de catecismo, pretendendo preparar os espiritos das crianças, que mais tarde serão moças, e que, assim, offerecerão campo mais propicio á realização integral dos seus planos.

Logo que as meninas entram para as aulas, onde o bandalho é director, a primeira coisa que o conego trata de fazer é convence-las de que devem, por completo, escusar-se á vida normal, ao trato social, aos divertimentos publicos, ás festas intimas e a tudo quanto possa representar um recreio para as almas em flor.

Segundo o que o patife prescreve, as meninas e moças devem dedicar-se exclusivamente aos officios religiosos.

As rezas, os jejuns, a assistencia ás aulas, a mendicancia á porta da igreja para fins ignorados e outras coisas, indecentes e condemnaveis, são os objectos da exigencia do conego. Em compensação, como um premio ás que se mostram mais doceis, o satyro beija-as, abraça-as, e faz-lhes affagos que a moral repelle e que a hygiene combate, principalmente porque se trata de um individuo que tem no rosto o vestigio das podridões que convertem o seu sangue em uma larga cultura de elementos nocivos.

Além desses conselhos, de procurar convencer as meninas e moças de que se devem votar apenas ao carolismo e que devem preferir as coisas de igreja a qualquer outra occupação, além de incutir-lhes no animo horror ao casamento e odio a todos os homens que não vestem batinas; além de, assim, converter crianças meigas em monstros que dispõem a lutar contra os proprios preceitos christãos; além de tudo isso, dizemos, o conego Jeronymo estabelece os rudimentos de uma educação toda especial, feita de subtilezas e hypocrisias, levando os espiritos ao fanatismo e escravizando as consciencias á sua vontade exclusiva.

Foi por esse processo que elle conquistou todas as victimas aqui por nós descriptas.

UM EPISODIO

Ha tespos, havia numa das igrejas superintendidas pelo conego uma professora de catecismo, que levava muito em conta a amizade do conego. Sobre essa amizade chegou-se mesmo a bordar commentarios que nada poderiam lisonjear a reputação da moça. Por esse tempo, appareceram ali duas irmãs. residentes á rua D. Manuel, que cairam nas graças do satyro, despertando protestos da professora.

A intimidade de Jeronymo com essas moças ia longe, tão longe que a professora protestou de tal modo, com tanto calor, que foi substituida por uma das referidas moças, conhecidas no momento por serem excessivamente louras.

Sobre uma dellas, que designaremos pela inicial do seu nome, *A.*, disseram, então, coisas escabrosas e compromettedoras, ficando a sua honra como objecto de discussão durante um bom lapso de tempo. Conta-se mesmo que alguns rapazes que lhe faziam a côrte, principiaram a afastar-se, deixando que corresse mundo o que da sua pessoa se dizia com relação á intimidade do padre Jeronymo.

Os protestos e as scenas de ciumes da professora a quem nos referimos fizeram com que assumisse a direcção das aulas uma das irmãs louras, cujo nome complicado e raro tem como inicial um *E.* Mas, isso durou pouco. A professora, não sabemos por que modo, conseguiu voltar, tomando o seu lugar e indo *E.*, novamente, figurar no côro.

Sobre essas duas moças nada ha de positivo que se possa affirmar. Cremos mesmo que com ellas o conego não conseguisse mais do que incutir-lhes nos animos ideias nocivas e habitos condemnaveis: Mas a intimidade era tão grande, os carinhos do sacerdote eram de tal forma escandalosos que, para ambas, criou-se uma reputação deprimente e desairosa. *A*, afinal, casou-se, afastando-se do antro em que tantas miserias têm sido praticadas e onde o conego faz de sultão. A outra, porém, continuou no côro, como cantora, não obstante os esforços que um irmão e outros parentes têm feito para que ella abandone aquelle logar.

Tal foi o poder suggestionador do lubrico vigario, que a moça hoje é perfeitamente uma fanatizada, preferindo os misteres da igreja a outros quaesquer e demonstrando accentuados desejos de abandonar a sociedade para dedicar-se exclusivamente aos deveres religiosos, que o conego profana,

O conhecimento desse e de outros factos que, calma e serenamente, iremos expondo, têm feito com que, de certo tempo a esta parte, diminua de modo consideravel a concorrencia de moças e de meninas ás duas igrejas da freguezia, porque a reputação do conego é tão bem conhecida pelos seus parochianos, que basta a sua intimidade com qualquer moça para criar logo uma série de suspeitas sobre a pureza e sobre a virgindade da criatura.

Assim, ahi fica mais um aviso ás familias zelosas do seu bom nome e da sua honra. Aquellas que prezam a honestidade do lar devem fugir do conego Jeronymo, cuja gafeira physica e moral contamina e pollue aquelles que se lhe aproximam.

Sabemos que a maioria dos parochianos assim procede. Ainda ha pouco, respeitavel negociante, antigo morador da freguezia, tendo noticia da insistencia com que o conego Jeronymo procurava attrahir uma filha sua para as aulas de catecismo, feitas a portas fechadas e com prohibição de entrada de qualquer outra pessoa, declarou-lhe de modo categorico:

— Não, reverendo. Minhas filhas só vão á igreja acompanhadas por mim ou por minha esposa.

Infelizmente, porém, ainda ha um bom numero de criaturas ingenuas ou viciadas, que obedece a outra orientação.

(Do diario *A Republica*, do Rio).

O principio da immortalidade da alma foi antes prejudicial que util ao progresso humano, porque, uma vez admittida a immortalidade, já de nada serve o trabalho empregado em restabelecer a equidade na vida presente, tudo isso se faz, depois, lá em cima. Logo, os catholicos intransigentes têm razão. O meu ponto de vista, é que convém proceder como se a vida futura não existisse, quer exista, quer não. Pregar ao povo o nada após a morte é prestar-lhe um serviço, porque o incitamos a trabalhar na vida presente. Prégar-lhe a vida futura, é adormenta-lo e talvez logra-lo, fazendo-o largar tudo e correr atrás de uma chimera. — RENAN.



EM PORTUGAL

Encontramos mais as seguintes noticias sobre a situação da luta contra o clero em Portugal:

Consta que por motivo de desordens recentemente occorridas na Guarda e Sabugal, o governo tem a intenção de expulsar de Portugal alguns padres.

Alguns?! Ora, ora!

— O governo prepara varias medidas a respeito do funccionamento das congregações catholicas no paiz.

Que não as poupe, senão...

— O projecto sobre as congregações catholicas, que o governo apresentará nas Camaras regulando o seu funccionamento, limitando-o a um caracter puramente religioso, encontrará grande opposição, se bem que o gabinete conte com a sua maioria, com a bancada republicana e com a parte liberal da colligação.

E' mesmo preciso a união para dar combate ao inimigo commum.

— Os jornaes liberaes felicitam calorosamente o governo pelo decreto que revogou a portaria do anno de 1853, pela qual a justiça publica não era permittido intervir nos crimes e abusos do clero, sem previa autorização do juiz ecclesiastico.

Assim! Duro com elles!

— Em Sabugal roubaram duas urnas, estando implicado no delicto o abbade da freguezia, que foi preso.

Na Covilhã fizeram as eleições no adro da igreja, sendo a urna guardada por um sargento a cavallo.

Tambem politicos fraudulentos! Que boa gente!

— O *Diario Popular* publicou a seguinte nota:

«O restabelecimento, em parte, da lei de Joaquim Antonio de Aguiar, em Portugal, está dando já os seus resultados.

Em virtude do decreto do governo, sobre instituições religiosas, vão ser fechados diversos conventos.

Um delles já o foi, devido á fuga dos respectivos frades. E' o de Aldeia da Ponte, no conselho de Sabugal, districto da Guarda. quasi na fronteira da Hespanha.

Os frades, sabendo que iam ser expulsos, entenderam retirar-se para o seu paiz. O governo mandou fechar e sellar as portas do convento. Trata-se de frades hespanhoes, contra os quaes foi aberto um imquerito sobre santidades praticadas.

O velho paiz luzitano está despertando da sua somnolencia.»

O Papa Negro

Importante romance historico, de Mezza Botta, contendo 520 paginas e 18 suggestivas illustrações.

Neste livro é historiada a fundação e o desenvolvimento na Europa da Companhia de Jesus, a fundação da Maçonaria e a sua corajosa luta contra os tremendos planos dos seus antigos companheiros, chefiados por um dos antigos membros, Ignacio de Loyola. Discripção clara e minuciosa dos meios empregados para dominar o mundo, pela submissão dos reis e imperadores.

Preço dos dois volumes, 2$000, franco de porte.

O melhor meio de auxiliar a *Lanterna* é assigna-la e arranjar-lhe assignantes. A assignatura é mais cara; mas é um concurso de amigo.



Até nos cemiterios!

UM PADRE SURPREHENDIDO EM COLLOQUIO AMOROSO NUM CEMITERIO — QUE SANTOS!

Em Bolonha, Italia, deu-se ha pouco um facto que mostra bem a indole dessa gente pregadora de moralidade sacra.

No cemiterio de Certosa, daquella cidade, foi notada a assidua frequencia ali de um joven padre e de uma senhora, que se perdiam demoradamente nas gallerias subterraneas, emquanto uma menina de tres annos mais ou menos, que ia em companhia da dita senhora, se entretinha a brincar por entre as tumbas.

Foi organizado um serviço de vigilancia, e, sem muita difficuldade, um guarda, disfarçadamente, poude surprehender o casal em uma situação pouco conveniente ao respeito devido ao lugar.

Foram denunciados ás autoridades judiciarias.

Nem as tumbas são respeitadas por estes porcalhões!



"A LANTERNA" NO INTERIOR

Em S. Roque

A VISITA DO BISPO — Esteve aqui o bispo. Fizeram-se grandes preparativos para a sua chegada. As ruas foram enfeitadas; mobiliou-se uma casa especialmente para elle; a pedido do padre diversas familias forneceram doces em grande quantidade e de todas as especies e os fanatizados caipiras entulharam o quintal do vigario de perús, gallinhas, leitoas, etc.

Foram recebe-lo á estação as meninas do catecismo e os *habitués* papa-hostias da taberna sagrada.

Emfim procuraram dar o maior brilho á recepção, rodeando-a de grande pompa,

Tal e qual como Christo gostava de ser tratado...

Elle amava a simplicidade e procurava rodear-se da pobreza; estes, afim de satisfazerem as suas ambições, aproximam se sempre dos potentados.

E chamem-lhe tolos!

Entretanto, o excellentissimo, apesar de toda sua santidade, chegou aqui debaixo de uma heretica carga d'agua...

Veiu modestamente em carro reservado e foi esperado pelas pessoas já citadas e por uma banda de musica, o indefectivel orador e competente sucia.

A esperança dos carolas de uma grande manifestação foi-se pela agua abaixo.

Da estação foi á igreja, onde esteve poucos minutos e dali foi refazer as forças em um lauto jantar em casa do vigario. Estava melhor ali do que na igreja.

E não fossem elles sagrados e prégadores do jejum...

No dia immediato abriu o seu balcão de venda do chrisma. Nada cobrou, porém. Quem quizesse ser chrismado havia de comprar por 1$ um cartão no largo da Matriz, 14, ao que parece, residencia do promotor publico.

Os bilhetes são ali vendidos abertamentente, como nos theatros, não. Vendiam-se de portas cerradas...

No principio aos compradores era perguntado quaes eram o padrinho, a nacionalidade, crença, etc., mas tiveram que desistir dessa formalidade diante de algumas opposições.

O importante era vender muitos bilhetes. Sim, «dinheiro haja» e é quanto basta para irem todos para o céu...

Quando dará o povo brasileiro uma exemplar lição a esta canalha?

Escorracemos os phariseus! Não está a Igreja separada do Estado? Obriguemos, pois, aos governantes a respeitar essa separação. Imitemos o exemplo que nos vem de fóra.

Apezar de tudo houve sempre quem não acompanhasse o terço. Em diversos pontos os enfeites foram arrancados. E não fizeram mal. Os lugares publicos, frequentados por pessoas de todos os credos ou sem elles, não devem servir exclusivamente para as festas dos clericaes.

O numero dos tolos diminuirá; os protestos hão de augmentar.

O *santo* homem não podia deixar de deitar falação do pulpito, atacando os livres pensadores e procurando illudir os basbaques.

Mas a estes prégadores succede o mesmo que aos lavradores que semeiam fora de tempo: perdem o tempo e a semente. A época vai-se tornando espinhosa para elles.

O seu dominio está a terminar. Temos como exemplo a Hespanha, a até ha pouco carola e reaccionaria.

O assassinato de Ferrer não havia de ficar impune!

Avante, pois, no combate aos infames autores da Inquisição!

***

Daqui foi o nosso homem a Una fazer a sua colheita.

Ali, já se sabe, foi recebido fanaticamente por aquella desgraçada gente, que o esperou de joelhos na estrada! Outros acharam mais commodo vir encontra-lo a cavallo na estrada...

O homem disse então, modestamente, que não era Deus e sim seu humilde mensageiro.

Coitadinho!

Em Una a feria foi superior á de S. Roque. E' natural: quanto mais besta é o povo, mais religioso é.

Na sua volta de Una foi elle acompanhado á estação pelas familias mais ricas, indo os pobres na retaguarda...

Regressando da estação foram os manifestantes catholicamente dissolvidos por duas vaccas bravas, que não se sabe de onde vieram...

Do inferno com certeza... Não seriam diabos disfarçados?

Sorocaba, 4 — 9 — 910. — *Manuel Pitanga.*

Os nossos representantes

São nossos agentes, fóra desta cidade, os seguintes amigos:

Rio de Janeiro, srs. Manuel Moscoso, rua do Senado, 63 e Gregorio Rodrigues, rua Uruguayana, 123 (loja).

Ribeirão Preto, sr. José Selles, rua Amador Bueno n. 41.

Franca, sr. Innocencio Selles.

Santos, sr. Luiz Bezzi, rua Martim Affonso, 16.

Nictheroy, Francisco Dias Filho, Padaria Flor do Barreto.

S. Roque, sr. Credo Negrelli.

Dobrada e lugares circumvizinhos, sr. Pedro Sermi Rossi.

Porto Alegre, srs. Polydoro Santos, rua Conceição, 22 e Pythagoras, Ladeira, 60.

Villa Americana e Rebouças, sr. Lucio Sandoval.

S. Vicente, sr. Miguel Barcala.

Rincão, Pontal, Pitangueira e ramal de *Mogy-Guassú*, sr. Francisco de Almeida Ramalho.

Atibaia, dr. Olympio Paixão.

Jardinopolis, sr. João Zucchi.

Salto de Itú, sr. Scipione Del Moro.

Araraquara, sr. Ferdinando Scalamandre.

Jundiahy, sr. Antonio Martinelli, rua Cel. Moraes, 2.

Uberaba, sr. Cirio Palmeston.

Itapetininga, prof. Alvaro de Campos.

Botucatú, sr. Emilio Garcia.

S. Cruz do Rio Pardo, sr. Luiz Rogerio.

Jahú, sr. Francisco Bonilha.

Baurú, sr. prof. José de Arimathéa Machado.

Est. Presidente Alves (e lugares circumvizinhos da Noroeste do Brasil), sr. José Martinho.

Bica de Pedra, sr. Alexandre Portieri.

Cidade de Prata, sr. Tollendal Bittencourt.

Diamantina sr. Arthur Fonseca.

O padre: eis o inimigo!

«A LANTERNA»

será vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALÃO MONTEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

NA LAPA — *Salão Internacional.*

VENTURA SIÉRRA, rua Conselheiro Ramalho, 105.

AGENCIA DE JORNAES do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 37.

No engraxate, á rua 15 de Novembro, 2.

Numero especial d' "A Lanterna"

Publicaremos em 13 de outubro um numero especial do nosso jornal, commemorando o primeiro anniversario do assassinato de Francisco Ferrer e tambem o primeiro da nova phase da *Lanterna*, que coincide, com differença de tres dias, com a tragica data que enlutou a humanidade.

Será um numero feito a capricho, com oito ou mais paginas, impresso a côres, em bom papel, abundantemente illustrado e collaborado por grande numero de escriptores de nomeada.

Pretendemos fazer desse numero uma grande tiragem, que possa ser profusamente distribuido por todo o Brasil, e por isso annunciamo-lo com bastante antecedencia para dar tempo aos nossos amigos de todas as cidades de enviarem os seus pedidos, ordenando o numero de exemplares que desejem receber.

Como nesse dia devem se realizados comicios, conferencias, etc., os nossos correligionarios poderão aproveitar a occasião para delle fazerem uma larga distribuição.

Onde não seja possivel realizar comicios e conferencias — o que se deve fazer o possivel para conseguir — é indispensavel que se lance o nosso protesto ao menos pelo jornal.

Formem-se grupos, reunam-se os que lutam pela causa da liberdade e procurem que essa data seja clamorosamente commemorada em todos os recantos do Brasil como o será em todo o mundo.

Esses mesmos grupos, ou companheiros, isoladamente, poderão conseguir o necessario para receberem pacotes do numero especial da *Lanterna.*

Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser enviados até o dia 20 do corrente, pois esse numero deverá ficar prompto com o tempo necessario para chegar aos pontos mais distantes do Brasil.

O custo dos pacotes é o seguinte:

*

Um pacote de	50 exemp.		4$000
» »	100	»	8$000
» »	150	»	12$000
» »	200	»	15$000
» »	500	»	37$000

Não serão attendidos os pedidos que não vierem acompanhados das respectivas importancias.

«A Lanterna» em Porto Alegre

Em Porto Alegre quem desejar assignar a *Lanterna*, dirija-se a Pythagoras, Ladeira, 60, ou a Poolydoro Santos, na Escola Elyseu Reclus.

Encontra-se á venda na Mensageira Central, á rua Bragança.

EXPEDIENTE

A todas as pessoas que nos escrevem prevenimos que, devido á numerosa correspondencia, nos é inteiramente impossivel responder pelo correio. Porisso, devem procurar n'*A Lanterna*, na secção *Bilhetes e recados* a resposta que sem inconveniente puder ser dada por ali.

Apesar da praxe jornalistica, julgamos conveniente declarar que os artigos assignados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, salvo expressa adhesão nossa ás ideias por elles expostas.

Seguindo a orientação moderna da imprensa independente, queremos que o nosso jornal seja uma tribuna de livre discussão, para uma investigação sincera da verdade e como um éco ás aspirações do nosso tempo.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

O nosso companheiro José Romero tendo já percorrido todas as localidades da Sorocabana que estão entre o percurso de S. Paulo a Baurú, está, agora, visitando todas as cidades das linhas *Paulista, Douradense e Araraquarense.*

Por economia de tempo e para evitar pesadas despesas, não foram visitadas as cidades muito distantes ou as poucas onde contamos ainda com pequeno numero de assignantes.

A todas as pessoas que não foram encontradas ou residem nas cidades de que acima falamos, estamos enviando a seguinte circular, que contamos ser promptamente attendida:

«Devido a ser muito dispendiosa a viagem do nosso cobrador a essa localidade, rogamos a v. s. remetter-nos directamente e o mais breve possivel a importancia correspondente á sua assignatura.»

O envio desta circular é feito muito lentamente, devido á falta de tempo com que lutamos; por isso, farão um especial obsequio aquelles que a attenderem mesmo sem a ter recebido.

Aos nossos assignantes das linhas citadas lembramos a conveniencia de pouparem tempo ao nosso companheiro, auxiliando-o no seu trabalho.



Pequenos ecos

«A Cruz de Cedro» — Sobre este interessante romance que estamos com successo publicando em roda-pé, recebemos a seguinte carta:

«Jardinopolis, 30 de agosto de 1910

Sr. Edgard Leuenroth

Saudações. Apesar de catholico, leio o seu jornal, sem perigo nenhum para a minha fé. Deparei no roda-pé o excellente folhetim da *Cruz de Cedro*. O seu auctor era meu tio e tinha o titulo de barão de Piratininga, concedido pelo imperador em homenagem aos seus merecimentos intellectuaes. O barão de Piratininga, Antonio Joaquim da Rosa, não era sómente um intellectual. De 1850 a 1882 foi o maior vulto politico do sul do Estado. Foi deputado sempre que viveu e uma vez presidente da provincia de S. Paulo, numa substituição. Porisso acho conveniente que o senhor mande pôr o seu titulo no folhetim para maior valor literario. O folheto donde o senhor está tirando a historia traz umas notas que precisam ser excluidas porque não são do autor, é de um bobo que modificou o original.

O barão de Piratininga era um poeta comparado a Gonçalves Dias. Toda a sua producção literaria, muito boa para as suas ideias anticlericaes, era guardada numa gaveta e só deixou de ser inédita quando falleceu.

Morreu solteiro e não deixou um filho que pudesse olhar para isso. Os seus valiosos bens foram para mãos de uma negrada inculta e indecente.

O barão de Piratininga era tão modesto que o epitaphio que deixou para a sua sepultura foi este: *Ninguem.*

Outro dia visitando o cemiterio de S. Roque onde elle jaz, vi o seu mausoleu em completo abandono, o que me cortou o coração. Se o senhor quizesse concorrer para melhorar o tumulo do primeiro varão brasileiro que se fez anticlerical eu o applaudiria e até concorreria com uma quantia. Lembre no seu jornal essa ideia.

O clero nunca fez guerra ao barão de Piratininga, porque elle era de uma construcção moral e intellectual invejavel. Caracter e grande influencia pessoal.

Minha mulher não quer que assigne esta carta, ao que obedeço com a devida licença de v. s.

Seu constante leitor - *L. M. da R.*»

Visita — Deu-nos o prazer de sua visita o nosso prezado correligionario de Piracicaba, sr. Luiz Corrêa de Mello. Agradecidos.

Convites — A Associação Recreativa Operaria de S. Simão, realizou no dia 7 do corrente, no theatro daquella cidade, um espectaculo promovido pelo seu grupo dramatico.

Tambem em Lorena, no mesmo dia, realizou-se, no Casino Lorenense, um sarau literario e dansante, festejando a sua inauguração.

Agradecendo ás duas sociedades o convite que nos enviaram, lamentamos não ter cá em casa uma trindade para podermos estar ao mesmo tempo em Lorena, S. Simão e nesta infernal tenda de trabalho...

Somos noivos — Com estes dizeres recebemos um cartão subscripto pelo sr. Hugo dos Reis e senhorita Rosalia Barros. Felicidades.

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio.

Em Mogy das Cruzes, na agencia do sr. Emilio Navajas.

Em Itapetininga, com o sr. Tullio Faccini.

Em Botucatú, sr. José Costilha.

Em Dous Corregos, com o sr. Antonio Carlos de Souza.

A Velhice do Padre Eterno

Extraordinaria obra do grande poeta Guerra Junqueiro, que transformou a sua penna brilhante em ferro em braza a queimar desapiedamente a purulenta chaga clerical.

Este livro, que é considerado um dos mais ferozes contra a Igreja, mereceu uma excommunhão do Papa.

Custa 2$000, franco de porte.

A Escola Moderna em S. Paulo

(VÊR OS NUM. ANTERIORES)

Baurú — Lista a cargo de G. Poletti, F. Zanni e G. Oferni: G. Poletti, 10$. R. Poletti, 10$. Zanni Francesco, 5$. Luiz de Castro, 5$ Antonio Caviola, 5$. Albino Tambara, 5$. Simone Rasi 5$. A. Cardarelli, 5$. Francesco Scripilliti, 5$. A. Vianello. 5$. Guido Golfieri, 5$. Luigi Torretta, 2$. Francesco Cecchini, 2$. Massimiliano Zamar, 2$. Enrico Savi, 1$ Francesco Benvenuto, 1$. Emilio Volpini, 2$. Enrico Marchionni, 2$. Fortunato Resta, 2$. Gino Destri, 1$ Giovanni Oferni, 1$. Gigo Eugenio, 500 rs. Fiorentino Rossi, 500 rs. Pappassoni Alessandro 500 rs. Pappassoni Giovanni, 500 rs. Oferni Nata, 500 rs. Pappassoni Luigi, 300 rs. Sigismondo Filippini, 500 rs Jovenal Sirizato, 500 rs. Demarchi Sante, 500 rs. Pappassoni Marcelino, 500 rs. Total, menos 2$200 de despesas, 85$600.

—

AVISO IMPORTANTE

Tendo chegado ao conhecimento do «Comité pró-Escola Moderna» que alguns individuos se tem aproveitado desta iniciativa para estorquir dinheiro de pessoas de boa fé, declaramos que só podem angariar donativos para esta obra as pessoas portadoras de listas de subscripção carimbadas e assignadas pelo secretario Leão Aymoré.

Aproveitamos o ensejo para pedir a todas as pessoas que possuem listas de subscripção o favor de as devolverem com a respectiva importancia ao thezoureiro, sr. José Sanz Duro, Caixa Postal, 857.

O COMITÉ.

—

O ENSINO RACIONALISTA

A Associação da Escola Moderna do Rio de Janeiro acaba de editar, em elegante folheto, a conferencia que sob o titulo acima foi realizada, em maio passado, naquella capital, pelo dr. Mauricio de Medeiros.

O folheto contém tambem os estatutos da Liga Internacional para a Educação Racional da Criança e da Liga do Rio de Janeiro.

Está á venda em nossa redacção ao preço de 300 réis e pelo Correio 400, revertendo o seu producto em favor da Escola Moderna.

—

Os proprietarios da typographia Fiorentina, srs. Capaci, Susini & C., puzeram á venda, ao preço de 1$500 cada exemplar, o bello romance *Angelo Longaretti o il delitto sociale*, revertendo metade do seu producto em favor da Escola Moderna,

E' um volume de 200 paginas, de leitura deliciosa pela belleza e originalidade das suas descripções e pela elevação e justeza dos conceitos que comporta.

E' de 600, o numero de exemplares que serão vendidos em beneficio desta iniciativa.



Bilhetes e recados

Barra Bonita — W. do Amaral: Remettemos o *Papa Negro*. Desculpe a demora. Saúde.

Conquista — Rebelde: Seguiu o pedido. Sairá logo. Salute.

Ceará-Mirim — Sra. Maria L. de C. Wanderley: Satisfizemos o seu pedido. Agradecidos. Saudações.

Santos — Manuel P. Saavedra: Recebemos seus versos. Saúde. — João Perdigão: Recebemos. Saudações.

Jacarehy — A. B.: Pode ser em sellos. Saúde.

Piracaia — A. M. Cezar: Fizemos segunda remessa ás pessoas indicadas. Agradecidos.

Gavião Peixoto — Z. Bartolomasi: Está bem. Remettemos-lhe o *Papa Negro*. Transferimos o endereço. Salute.

S. Roque — C. Negrelli: Fizemos a reducção. Saúde.

Rio de Janeiro — A. J. de Moraes: Remettemos o *Papa Negro*. Saúde. — J. Comesanha: Recebemos e publicaremos. Saudações. — D. R. P.: Munhoz: Remettemos *Angelo Longaretti* Desculpe a demora. Saúde. — Moscoso: Recebemos a importancia do Sperduto, Gregorio, J. B. M., Adriano, A. Brandão e Monica. Transmitti os recados ao Grassini e Nilo. Saúde.

Diamantina — Jarbas Ramos: Remettemos os originaes. Agradecemos a lista dos provaveis. Saudações.

Lapa — A. P. Silva: O tal sujeito é um pobre diabo, não acha? Cada um dá o que tem e elle, naquelles rabiscos, apresentou-nos um pedaço de si proprio... Uma grande besta!

Nictheroy — Remettemos o *Papa Negro* e *O Espirito da Igreja*. Recebemos o artigo. Os demais livros não temos aqui. O preço dos enviados constam da *Lanterna*. Saúde.

S. Paulo — Ventura Sierra: Pois o pacote foi enviado. Tomamos nota do endereço. Saudações.

Campo Limpo — A. P. Cruz: Remettemos a *Electra*. Fizemos a transferencia do endereço. Agradecemos os recortes. Saudações.

Bebedouro — A. Restivo: Suspendemos. Enviamos os ns. pedidos. Saudações.

Salto — S Delmoro: Enviamos os ns. pedidos á pessoa indicada. Mandaremos o numero especial. Tambem nós lamentamos não o poder publicar. Saudações de todos.

Boa Vista das Pedras — A. Orlando: Recebemos. Procuraremos o livro. Salute.

"L'ASINO"

Por diversas vezes temos recebido pedidos de numeros avulsos e de assignaturas deste inexcedivel semanario anticlerical illustrado. Resolvemos, por isso, entrar em accordo com um dos seus agentes nesta capital, para servir os nossos amigos.

Portanto, todos aquelles que o queiram assignar poderão fazel-o por nosso intermedio, pagando antecipadamente a assignatura, que custa 800 réis por mez. *Vendemo-lo tambem avulsamente em nossa redacção a* 200 rs. o numero.

Publicações periodicas

Um dos nossos amigos encarrega-se de receber assignaturas, por intermedio desta redacção, para as seguintes publicações

Les Temps Nouveaux

Revista quinzenal sociologica, com um supplemento literario. — Director: Jean Grave. — Assignatura annual: 3$000.

La Guerre Sociale

Semanario revolucionario. — Redactor-chefe: Gustave Hervé.
Assignatura annual: 5$000.

A Sementeira

Publicação semanal illustrada de critica e sociologia. — Lisboa.
Assignatura annual: 2$000.

A Vida

Hebdomadario operario. — Porto. — Assignatura semestral: 1$500.

Internacia Socia Revuo

Revista mensal em esperanto, dedicada ao movimento social. — Paris.
Assignatura annual: 2$500.

A venda nesta redacção:

O Clarão

Publicação eventual racionalista — Porto. — Cada exemplar: 100 reis.

A' venda nesta redacção

Numero especial dedicado aos acontecimentos de Espanha e a obra de Ferrer.
Publicação editada pela Commissão contra a reacção hespanhola no Rio de Janeiro.

A' VENDA NA

Charutaria Lealdade

Rua de S. Bento, 51 — S. PAULO

Jornaes:

a Terra livre, A Vida, La Guerre Sociale, A Sementeira.

Obras:

Socialismo e Anarquismo, A Hamon 1$. Fórmas e essencia do Socialismo, Saverio Merlino, 1$500. A Conquista do Pão, Kropotkine, 1$500. A Escola Moderna de Barcelona, W. Heaford, 1$. Jesus Christo Nunca Existiu, E. Bossi, $800. A Religião da Morte, H. Salgado, 1$. Mentiras Religiosas, do mesmo, 1$300. Sciencia e Religião, Malvert, 2$500. Religião e Evolução, Origem do Homem, O Monismo, 1$700 cada um; Maravilhas da Vida, Enygmas do Universo, de Haeckel, 2$700 cada um. No Paiz de Christo, Alves 6$. Os Apostolos. Renan, 3$200. S. Paulo, do mesmo, 3$500. O Marquez do Pombal, 6$800. A Sociedade Moribunda e a Anarquia, 1$500. As Doutrinas Anarchistas, dr. P. Eltzbacher, 1$500.

BIBLIOTHECA "D'A LANTERNA"

EM PORTUGUEZ

R. S Morin, *O Espirito da Igreja*	$200
Nathanaël Pereira, *A Educação Religiosa*	$200
Ex-padre Guilherme Dias, *O que é o celibato*	$200
Pedro de Mello, *Sonho Dantesco*	$200
Marco A. Dancetti, *Giordano Bruno*	$200
Domingos Zapata, *As 67 perguntas*	$200
Eliseu Reclus, *Evolução e Revolução*	1$500
Gorki, *Os amassadores*	$200
Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho*	$200
Nieuwenhuis, *A mulher e o Militarismo*	$100
Motta Assumpção, *O Infanticidio, drama*	$300

EM HESPANHOL

M. Rey, *Donde está Diòs?*	$100
R. Chaughi, *Immoralidad del Matrimonio*	$100
J. Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Población*	$100
M. Devaldès, *Mathusianismo y Neo-Mathusianismo*	$100
Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independencia*	$100
A. Pellicer Paraire, *El individuo y la masa*	$100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales*	$100
S. Faure, *El Problema de la Población*	$100
A. Hamon, *Compendio de la Historia del Socialismo*	$200
J. Grave, *Tierra libre* (fantasia)	2$000

FOLHETIM (9)

Antonio Joaquim da Rosa

A Cruz de Cedro

ROMANCE PAULISTA

IX

olhos ligeiramente pelo testamento. Todos os assistentes pendiam dos labios do dr. André Baruil, todos faziam mil conjecturas, todos procuravam adivinhar quem seria o feliz herdeiro das immensas riquezas do grande bispo, e o dr. Baruil, tendo concluido a leitura do testamento, poz termo á geral anciedade, dizendo no meio de profundo silencio: "O illmo. bispo missionario, rev. dr. Guilherme, que Deus haja, nomeou para seu testamenteiro ao reitor rev. padre-mestre Raphael Machado e instituiu por seu herdeiro universal a companhia de Jesus." Ouviu-se um murmurio de quasi todos os assistentes.

— Era um murmurio de approvação, disse o padre Gaspar do Santo Sepulcro.

— Outros o tomaram em diverso sentido; mas, deixando isso de parte e fazendo justiça á companhia de Jesus, apraz-me de memorar que ella fez ao inclyto finado o mais pomposo funeral de que ha noticia.

— E' assim que testemunhamos a nossa gratidão aos nossos bemfeitores, disse o padre Gaspar.

— Collocado o cadaver em um caixão coberto de velludo preto, disse, continuando, o narrador, seguiu para S. Paulo carregado pelos capitães-móres Paulo Dias Paes, Pedro Taques de Almeida e Paulo Frasão de Brito, pelo sargento-mór Manuel de Moraes e Siqueira, pelos capitães Lourenço Castanho Taques, o moço, Manuel Dias Rodrigues, Antonio Castanho da Silva e outros muitos parentes de sua illustrissima. Os jesuitas, os frades bentos, carmelitas e franciscanos e immenso povo acompanharam o saimento com tochas accesas desde a Parnahyba até S. Paulo. Depois de magnificas exequias foi sepultado o benemerito paulista na igreja do Collegio, junto do altar de S. Francisco Xavier, abrindo-se sobre a lagea da sepultura este merecido epitaphio: — *Hoc jacet in tumulo Guilhelmus Presbiter, auro, et genere, et magno nomine Pompeius.*

Augusto de Lara, torturado pela dolorosa reminiscencia dos factos que acabava de referir, reclinou a fronte angustiada sobre a mão direita e se entregou por alguns momentos a uma tristeza profunda. O padre Gaspar respeitou essa dôr intima e silenciosa, que era uma sincera homenagem que o coração grato do mancebo rendia á memoria do grande paulista. Emfim o joven Lara ergueu a cabeça e proseguiu com voz tremula de emoção:

— Derramei uma lagrima sentida sobre a fria campa do meu mestre, do meu amigo, do protector da humanidade desvalida; e, não tendo apoio algum neste mundo, dirigi-me para o lugar do meu nascimento, sem designio, sem saber mesmo o que faria.

Ao chegar ao valle de Carembehy, reconhecendo os lugares marcados pelos passos da minha infancia, senti uma saudade indefinivel desses bellos tempos em que gozamos os prazeres mais puros e mais innocentes, porque ainda não conhecemos, nem sondamos o abysmo da vida que se abre diante de nós. Sopesei as redeas do meu cavallo para fruir toda a embriaguez do momento, todas as emoções que se accordavam em meu coração como um éco longinquo e que pouco e pouco se approxima de nós. Depois, avistando uma casa em pequena distancia, dirigi-me para ella.

Apeei-me junto da cancella, e, penetrando a pé no terreiro, entrevi ao pallido clarão da lua, reclinado sobre o parapeito do vestibulo, um vulto que trajava vestido de nuvens brancas e fluctuantes, symbolo da candura, e que nas suas fórmas vaporosas mais parecia um anjo de innocencia que baixara do céo em um raio da lua, do que um habitante da terra.

A lua, como que desejando duplicar o encanto desta situação embriagante, projectou neste momento os seus mais fulgidos raios sobre esse vulto mysterioso e fascinador. Foi então que eu distingui um rosto de fórmas seductoras, reclinado sobre a mão mimosa, em attitude contemplativa, e seus bellos olhos fitos no céo com a expressão da mais terna melancolia.

Seus cabellos louros ondulavam negligentes e graciosos sobre os hombros de alabastro ao capricho da tepida aragem da noite, que sussurrava tão meiga como o timido suspiro da virgem que sonha com o seu primeiro amor.

Electrizado pela magica e poetica belleza deste anjo, exclamei involuntariamente com suprema emoção: Julia!... A esta exclamação, despertando do seu aereo scismar, ella estremeceu como a pluma flexivel do chorão; e deslisando-se como uma sombra, desappareceu aos meus olhos, qual uma dessas bellas visões dos contos de Mil e Uma Noites, mal entrevista em sonho que se extingue. Acalmada a violenta agitação do meu peito, bradei:

— O' de casa!

— Quem é? perguntou uma voz de accento rude, que partia de um vulto encoberto na parte mais sombria do alpendre

— Sou Augusto de Lara.

Mal pronunciei este nome, uma velha saltou-me ao pescoço, exclamando, meio suffocada:

— Meu filho!... Ha tanto tempo que o não vejo! Que prazer não terá Julia de abraçar o seu querido irmão. Vou dar parte ao capitão André...

E, cingindo-me ainda uma vez os braços descarnados em torno ao pescoço, correu para dentro. A boa velha que me tratava com tanto amor e carinho era Isabel Malaia, da tribu de Guayanaz, que havia sido minha ama de leite e algumas vezes de Julia, que era mais frequentemente amamentada por sua mãi, que fallecera havia tres ou quatro annos.

O capitão André veiu receber-me com acolhimento paternal, recolheu-me para a sala, onde conversámos largamente sobre a morte do veneravel bispo missionario. Depois da ceia nos separámos para os quartos de dormir, sem que uma só vez reapparecesse ante meus olhos a visão fugitiva do vestibulo, tão avidamente desejada. Mas, ao deitar-me, não podendo explicar a razão por que Julia nem ao menos veiu cumprimentar-me, para mitigar esse sentimento, parodiando a minha velha mamãi, disse-lhe: Que prazer não terá Julia de abraçar o seu querido irmão!...

No dia seguinte o capitão André disse-me que, comquanto eu ainda não tivesse attingido a maioridade, todavia, confiando na minha aptidão, ia entregar-me a minha pequena herança. Effectivamente levando-me para a casa em que meus paes habitaram, entregou-me os poucos bens que elles me deixaram, e que consistiam em um pequeno sitio e terras, um casal de escravos já velhos, sete indigenas administrados e algumas cabeças de rezes.

Passados alguns dias, fui a uma caçada de veados com o capitão André, e, correndo a galope, afim de ganhar um lugar por onde costumava passar o veado que já se tinha levantado, o meu cavallo rodou por um desfiladeiro, envolvendo-me na sua quéda. Quando dei accordo de mim, achei-me em um quarto desconhecido e procurei reconhecer as pessoas que me faziam companhia. Junto da cabeceira estava assentado o capitão André de Goes com semblante afflicto e pensativo. Aos pés da cama se achava a minha velha mamãi, mostrando no rosto bronzeado o vivo sentimento que se havia apoderado do seu coração quasi maternal. Uma joven enfermeira se inclinava sobre o leito, banhando-me a perna esquerda com uma mistura de camphora alcoolica. Apesar das dores horriveis que sentia na perna esquerda, que se achava fracturada, reconheci na minha enfermeira a bella visão do alpendre; contemplei com deliciosa emoção esse semblante

(Continúa).